

O túnel da história e o indivíduo como chave do social ¹

Ralf Rickli

<http://ralf.r.tropis.org>

Amigos – senti que no dia do nosso encontro ficou faltando a conclusão que “fecharia” com o início da nossa fala, que tentaria fazer do todo uma forma musical, bonita. Afinal, como diz Rubem Alves no texto que lemos, *é a beleza que engravida o desejo!*

Havíamos falado também dos quadrinhos do Angeli na Folha de S.Paulo, cuja conclusão era “adolescente pensa que o mundo começou no dia em que ele nasceu” – e considerado que não se pode culpar os adolescentes por isso, pois não têm como apossar-se do conhecimento que ultrapasse sua experiência imediata se este não for comunicado adequadamente pelos que nasceram antes.

Eu gostaria então de deixar à guiza de conclusão uma **imagem**, e algumas das idéias que ela nos sugere – além das muitas outras que lhes poderá sugerir, pois acredito que se trate de uma imagem-matriz:

Quando somos crianças e olhamos para trás, para o passado, vemos uma perspectiva muito curta que logo se perde em brumas. Eu mesmo me lembro de, aos quatro, ter definido para um amigo o que é que tinha vindo antes de eu ter três anos: “aquele tempo grande em que eu não tinha ano nenhum”. Mesmo se com o passar dos anos, adolescência adentro, o corredor pelo qual viemos se alonga um pouco, ele ainda se fecha rapidamente – como um cone visto por dentro – e continua se perdendo em brumas um pouco para cá do ano do nosso nascimento.

Sem dúvida ao longo desses anos vamos recebendo imagens de outros lugares e outros tempos, reais ou imaginários. Elas tornam a paisagem menos monótona – mas não menos caótica, pois vão se dispondo em volta do sujeito e de seu “funil do passado” de modo casual, não causal, ou ligando-se por um ou outro critério de associação qualquer, que não um critério consistentemente cronológico.

¹ Texto enviado aos alunos do curso **Representações da África e dos africanos no imaginário infantil**, da Prof.^a Ronilda Iyakemi Ribeiro (IP-USP) como complemento à apresentação sobre o nosso livro *O Dia em que Túlio Descobriu a África* em 16.06.1998.

Se, no entanto, é dado a essas imagens um eixo cronológico de organização, aí então (para ser fiel a uma linguagem de quadrinhos) – *fluppp!* – dá-se um milagre: o poder desse eixo **abre** o fundo do cone, transforma-o num tubo extensível a longuíssima distância, que me dá a possibilidade de ver em perspectiva ou de fazer *zooms* sobre uma infinidade de imagens distantes e próximas. É verdade que as imagens ainda vêm emolduradas em incertezas, e que o passado também aqui se perde em brumas, mas entre mim e as brumas estão *milênios* de imagens relacionadas entre si – e que são vistas agora *como parte da minha própria vida!*

É essa a importância da coisa: dissolve-se a barreira do meu nascimento, ou seja: do ponto de origem desta personalidade individual. Minha vida deixa de ser separada: se expande e passa a incluir a humanidade e a história inteiras. E, correspondentemente, o rio da história começa a fluir por dentro de mim. Agora a história é parte da minha vida e a minha vida é parte da história, e começo a entender cada ato meu como um ato histórico.

E, num aparente paradoxo, é aí que começo a realmente poder dizer “eu”. Não é quando estou isolado que sou realmente indivíduo, realmente sujeito, e sim quando sou um ponto consciente e voluntariamente responsável no desenrolar da trama universal.

Aí então faz todo sentido a resposta que Caetano Veloso deu recentemente à pergunta “o Brasil tem jeito? Por quê?”:

—*Tem jeito sim. Porque eu quero.*

Quem julgou a resposta pretensiosa não percebeu sua verdadeira dimensão: é somente aí que reside qualquer possibilidade de transformação social e histórica: na decisão voluntária de cada *Eu*.

– Mas não é através do *Nós*, a transformação social? – Sim, mas não se gera um *Nós* ativo, um *Nós* capaz, a não ser *através da decisão voluntária de cada Eu*. Não resolve nada o *Nós* dado de fora, no qual a pessoa não se vê situada, mas como que caída por acaso; um *Nós* do qual não se apoderou voluntária e conscientemente. Esse é um *Nós* passivo; massa, não povo; pode eventualmente causar destruição seguida de reconstrução do velho, mas não renovação, não transformação.

A realidade parece ser mesmo dialética (como já sabiam os antigos chineses), e então aparentemente paradoxal: o caminho para cada coisa passa pelo seu oposto. O único caminho para o social passa pelo individual.

Creio inclusive que podemos ler assim as palavras de Cristo: “*O Eu é o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão pelo Eu.*” Ou seja: Cristo não estava propondo dependência a ele como algo externo, como usualmente se lê, e sim propondo-se como exemplo de autonomia – e portanto de responsabilidade social.

Não há caminho para que a sociedade seja Social senão passando pelo Indivíduo. Mas não há caminho para que o indivíduo seja Indivíduo sem o parto da consciência de sua inserção histórica.

Para mim essa é a grande razão para tentar conhecer **e contar** a história.

